

# CURSO FORMAÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE

## Módulo 2 - Capitalismo e saúde

### Aula 1 – Capitalismo: como se desenvolve e se transforma

O entendimento da desigualdade social pode ter diferentes interpretações. Na maioria das vezes a desigualdade social é apresentada em decorrência do nível de renda das pessoas, servindo para classificá-las socialmente em termos de grupos erroneamente denominados classes sociais: classe alta, média e baixa, com diversas gradações (muito alta, média média, média baixa, etc.), quando na verdade são camadas ou estratos de renda.

A estratificação de renda favorece a ilusão de que o crescimento da renda dos trabalhadores, como apresentada na última década no Brasil pela ascensão das pessoas para a chamada “classe C” ou a “nova classe média”, possa reduzir a desigualdade social. Esta explicação se fundamenta nas diferenças de renda pessoal ou familiar, portanto, na capacidade de consumo, incluso de medicamentos, serviços de saúde e planos de saúde, e não, como veremos adiante, na estrutura de classe social: a relação dos grupos de pessoas com os meios de produção (proprietários ou não proprietários) e na riqueza socialmente produzida pelos trabalhadores, porém apropriada privadamente pelos capitalistas.

Em outros termos, a aparência social de que a desigualdade decorre das diferenças de renda explica-se pelo fato de vivermos numa sociedade organizada, do ponto de vista econômico, pelo mercado, uma instituição que coordena indivíduos, famílias e empresas, sofrendo a regulação das leis, do Estado e de associações corporativas.

Como o mercado opera ou funciona? Consideremos o mercado de trabalho: a coordenação entre compradores e vendedores da força de trabalho supõe previamente o estabelecimento da:

- a) Divisão social entre proprietários e não proprietários dos meios de produção e, indiretamente, das condições de vida;
- b) Igualdade **jurídica** entre pessoas livres, na condição de compradores e vendedores.

A igualdade é estabelecida por lei e garantida pelos órgãos do Estado (p. ex. Ministério do Trabalho, Justiça, Polícia Federal).

Esse último aspecto, a igualdade jurídica, é sempre ressaltado nos meios de comunicação de massa, enquanto a divisão entre proprietários e não proprietários dos meios de produção fica obscurecida numa “zona de sombra”. Isto é, o fato de que alguns são mais livres do que outros fica sempre obscurecido. Na maioria das vezes os próprios trabalhadores aceitam essa diferença na medida em que acreditam na importância da escolaridade e da especialização, atualmente entendida como um “auto-investimento” que ele deve fazer em sua “empregabilidade”, para conseguir melhores ocupações ofertadas pelas empresas.

Porém a situação pode ser diferentemente percebida quando as lutas e greves dos trabalhadores questionam a exploração capitalista. Então se torna possível evidenciar – desde que se tome esta iniciativa – o poder dos proprietários dos meios de produção, um poder que, pela concentração privada das terras, da produção manufatureira, dos bancos e do comércio atacadista, dispõem de um poder de vida e de morte sobre a maioria absoluta da população, a saber, os trabalhadores desprovidos de propriedade dos meios de produção e, por conseguinte, dos meios para assegurar as condições de vida. Estamos falando, portanto, da divisão social baseada no modo de produção capitalista que se desenvolveu historicamente.

### **Capitalismo: classes sociais – burguesia e proletariado**

A divisão social entre grupos de pessoas segundo sua relação com os meios de produção é uma característica das classes sociais. Mas afinal o que são classes sociais? De acordo com Lênin<sup>1</sup>:

*Chama-se classes a grandes grupos de pessoas que se diferenciam entre si pelo seu lugar num sistema de produção social historicamente determinado, pela sua relação (as mais das vezes fixada e formulada nas leis) com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo de obtenção e pelas dimensões da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos de pessoas, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro graças ao fato de ocupar um lugar diferente num regime determinado de economia social.*

As classes fundamentais na sociedade burguesa correspondem às relações sociais capitalistas, ou seja, aos proprietários e não proprietários dos meios de produção, a saber, burguesia e proletariado. A burguesia corresponde à classe dos capitalistas, proprietários dos meios de produção (máquinas, ferramentas, matérias-primas, terras) e dos meios de subsistência. O proletariado corresponde à classe dos trabalhadores assalariados, não proprietários dos meios de produção, pessoas juridicamente “livres” e sujeitos de “atos de vontade” que só podem viver se trabalharem, em troca de um salário, para os capitalistas.

A divisão social do trabalho entre proprietários e não proprietários dos meios de produção e, por conseguinte, das condições de vida característica do capitalismo se expressa por uma violenta *concorrência* ou disputa entre os que não são proprietários, isto é, entre os trabalhadores, em torno das vagas ofertadas pelas empresas. Na medida em que atuam numa sociedade em que, como vimos acima, todos são livres e iguais entre si do ponto de vista jurídico (ou seja, perante a lei), supostamente, tem a liberdade de escolher entre esta ou aquela empresa. Também podem “optar” pelo banditismo ou passar fome e mendigar.

No mercado de trabalho, o trabalhador aluga sua força de trabalho, por um determinado tempo e em troca de um salário, para o capitalista.

Saindo dessa esfera do mercado, uma vez que ambos assinam um contrato de trabalho, os trabalhadores põem a disposição do capitalista a sua força de trabalho e, no processo

---

<sup>1</sup> Lênin, V. I. Uma grande iniciativa. 28 de junho de 1919. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/06/28.htm>

de produção imediato, produzem um valor superior ao que o capitalista investiu inicialmente. É o que chamamos de **exploração capitalista**.

Suponhamos que seja de quarenta reais o salário diário do trabalhador e de 8 horas sua jornada diária de trabalho. E que no final das 8 horas o trabalhador acrescenta ao valor dos meios de produção utilizados um novo valor de oitenta reais. Deste novo valor, o capitalista paga quarenta reais ao trabalhador e guarda para si os outros quarenta reais. Ora, se o trabalhador cria um valor de oitenta reais em 8 horas, em 4 horas cria um valor de quarenta. Portanto, depois de trabalhar por 4 horas ele já reembolsou o capitalista o valor equivalente ao salário e ao fim deste tempo ambos estão quites, certo?

– Alto lá! – grita o capitalista – Aluguei a força de trabalho por uma jornada inteira de 8 horas. Quatro horas são só meia jornada. Isso foi firmado no contrato de trabalho. Portanto, vamos continuar a trabalhar até fazer as outras 4 horas – só nessa altura é que ficaremos quites. E o operário tem que se submeter ao contrato “livremente” firmado, segundo o qual se comprometeu a trabalhar 8 horas inteiras.

### **Mais-valia – fundamento da exploração capitalista**

No exemplo apresentado, nota-se a divisão da jornada de trabalho de 8 horas. As primeiras 4 horas correspondem ao tempo de trabalho necessário, a parte da jornada referente ao valor da força de trabalho do trabalhador expresso no salário pago pelo capitalista. Por sua vez, às 4 horas seguintes correspondem ao tempo de trabalho excedente, a parte da jornada em que pelo prolongamento do consumo produtivo da força de trabalho o trabalhador produz um valor superior ao salário pago pelo capitalista. Esse valor superior ao salário criado pelo trabalhador Marx chamou de mais-valia.<sup>2</sup> A mais-valia é produzida pelo trabalhador e apropriada pela capitalista. Trata-se do fundamento da exploração capitalista, efetivada pelo consumo produtivo da força de trabalho na jornada de trabalho.

No mercado, capitalista e trabalhador estabelecem um contrato de trabalho: o aluguel da força de trabalho em troca de um salário aparece como uma troca de equivalente, firmado entre dois sujeitos “livres” e “iguais”. Na produção compreendemos como a forma salário ilude a exploração. O salário representa somente a parte paga da jornada de trabalho, no entanto, aos olhos do trabalhador, o salário aparece como o pagamento de toda a jornada de trabalho.

### **O capital é uma relação social de exploração e de luta de classes**

O conceito de exploração exprime a relação social de produção capitalista – a extração de mais-valia do proletariado apropriada pela burguesia -, por conseguinte, uma relação de *luta de classes*. Ou seja, a exploração capitalista supõe a resistência dos trabalhadores.

Uma expressão da luta de classes é a atual campanha pela jornada de 40 horas semanais, lançada pelas centrais sindicais no Brasil. E a luta pelas 30 horas especificamente para profissionais da saúde, como enfermeiros, fisioterapeutas, entre outros.

---

<sup>2</sup> Marx, Karl. O Capital: crítica da economia política. Acesso em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/>

A luta pela redução da jornada é parte da história do movimento dos trabalhadores. Tomamos a luta pelas 8 horas. Essa luta está na base da organização da classe trabalhadora em diversos países, impulsionada com a criação, em 1864, da Associação Internacional dos Trabalhadores<sup>3</sup>, além de estar na origem do dia 1º de maio como Dia Internacional dos Trabalhadores.<sup>4</sup>

A redução da jornada de trabalho ao limitar o prolongamento do tempo de trabalho impôs obstáculos para a produção de mais-valia. Para ampliar a mais-valia era preciso alterar os próprios métodos de produção. Ou seja, a redução forçada da jornada impulsionou as transformações na produção capitalista, notadamente pelo desenvolvimento das forças produtivas do trabalho com incorporação da ciência, tecnologias, métodos de gestão e organização da produção, e a contínua apropriação pelo capital da experiência do trabalhador, expresso no prodigioso aumento da produtividade e da intensificação do trabalho.

Essa característica, destacada por Marx e Engels no Manifesto de 1848<sup>5</sup>, consiste na condição de existência da burguesia, pressionada pela incessante acumulação de capital: A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção [e], portanto todas as relações sociais. Com isto, ela se vê constrangida a desenvolver as forças produtivas sem considerar os limites das relações sociais, ou seja, da apropriação privada da riqueza criada pelos trabalhadores. Provocar rápidos enriquecimentos e extensa miséria, uma vez que esse desenvolvimento se dá por meio de crises e recuperações econômicas.

Na mesma medida em que o capital se desenvolve, o capital reproduz as contradições fundamentais da sociedade capitalista, por conseguinte, ainda que sob formas transformadas, a exploração do proletariado pela burguesia e, em contrapartida, à resistência econômica e à luta de classe.

Essas relações de exploração, vistas no conjunto da sociedade, tomam a forma de dominação de classe. A burguesia é a classe dominante econômica, política e ideologicamente, a qual exerce seu poder sobre o proletariado, a classe dos trabalhadores assalariados a serviço dela.

É importante ter claro que a dominação de uma classe sobre outra(s) classe(s) supõe, como vimos, a concorrência entre os trabalhadores; essa concorrência separa os trabalhadores entre si, cada qual vendo a si como indivíduos na dura luta pela sobrevivência de sua família e de si. O individualismo e a busca de melhorar o padrão de vida é a ideologia burguesa que domina toda a sociedade, inclusive dos trabalhadores que, ou aspiram a ascender na hierarquia de trabalho nas empresas ou sonham com a sorte de mudar a posição social, constituindo um negócio próprio, com uma eventual indenização, a sorte grande na loteria e ainda apostando na educação dos filhos. Essa hierarquia do trabalho sustenta uma “consciência meritocrática”, outro traço da

---

<sup>3</sup> A Associação Internacional dos Trabalhadores foi fundada, em Londres, em 28 de setembro de 1864. Kark Marx. Mensagem Inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores. Londres, escrito entre 21 e 27 de outubro de 1864. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1864/10/27.htm>

<sup>4</sup> Para conhecer um pouco mais sobre essa história leia o texto 1º de Maio: dois séculos de lutas operárias. Disponível em: <http://www.piratininga.org.br/images/1o%20DE%20MAIO.pdf>

<sup>5</sup> Karl Marx e Friedrich Engels. Manifesto do Partido Comunista. 1948. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/>

ideologia burguesa dominante na sociedade também entre os trabalhadores, notadamente entre os de camada média. As diferenças econômicas e sociais da sociedade capitalista são explicadas pela estrutura hierárquica baseada nos “dons e nos méritos individuais”. A valorização do trabalho no plano das idéias estigmatiza o trabalho predominantemente manual, apresentado como uma atividade degradante. Também estabelece uma escala de mérito entre as profissões consideradas não manuais.

A burguesia conta com um instrumento importante para assegurar seus interesses e evitar que as revoltas sociais ameacem o seu domínio – o Estado. Trata-se de uma máquina burocrática e militar organizada para a defesa da ordem social burguesa, baseada na propriedade privada dos meios de produção e no mercado. A dominação política da burguesia significa impor essa ordem ao proletariado, admitindo (quando muito) apenas lutas em torno da distribuição da riqueza. Mas o fato de exercer, na democracia representativa, o direito de voto para escolher periodicamente os governantes cria nos trabalhadores a ilusão de dispor de algum poder e de melhorar um pouco a sorte na sociedade burguesa.

A depender da conjuntura e das experiências de luta e de organização de que disponham, os trabalhadores podem se mobilizar em defesa de seus interesses de classe, romper as ilusões e, assim, enfrentar a dominação política da burguesia.

No curso do desenvolvimento do capitalismo, há uma tendência à polarização social entre burguesia e proletariado. A concentração e a centralização do capital que acompanha esse desenvolvimento tende a ampliar cada vez mais os trabalhadores assalariados. Entre os trabalhadores assalariados há importantes segmentações sociais expressas em termos de salário, sexo, escolaridade, nacionalidade, condições de trabalho. Estas condições potencializam a concorrência entre os trabalhadores de todos os países e no interior de cada país e constituem uma poderosa alavanca para a acumulação de capital.

A tendência à polarização social entre burguesia e proletariado não exclui, porém o aumento relativo das pequenas empresas ou, do ponto de vista de classe, da pequena burguesia. O exemplo mais ilustrativo de nossa época é o papel que microempresas tiveram na “revolução informática”, a exemplo da iniciativa de Bill Gates que mais tarde constitui o monopólio mundial da Microsoft. As palavras escritas por Rosa Luxemburg a esse respeito na obra *Reforma ou revolução* (1900)<sup>6</sup> continuam válidas até hoje:

*No curso geral do desenvolvimento capitalista, os pequenos capitais desempenham o papel, na teoria marxista, de pioneiros da revolução técnica, e isso de maneira dupla: em primeiro lugar no respeitante a novos métodos de produção nos sectores antigos fortemente enraizados, depois pela criação de novos sectores de produção inexplorados pelos grandes capitais.*

*Ter-se-ia procedido mal ao pensar a história das empresas médias como uma linha recta descendente que iria do declínio progressivo à desapareição total. A evolução real é ainda aqui dialéctica; oscila constantemente entre as contradições. As classes médias capitalistas encontram-se, como a classe*

---

<sup>6</sup> Rosa Luxemburg. *Reforma ou revolução*. 1900. Disponível em: [http://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1900/ref\\_rev/](http://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1900/ref_rev/)

*operária, sob a influência de duas tendências antagônicas, uma ascendente, outra descendente. A tendência descendente é o crescimento contínuo da escala de produção que ultrapassa periodicamente o quadro dos capitais médios, desviando-os regularmente do campo da concorrência mundial. A tendência ascendente é constituída pela depreciação periódica do capital existente, o que faz baixar por um certo tempo a escala da produção segundo o valor do capital mínimo necessário, tal como a penetração da produção capitalista em novas empresas.*

Além desses elementos estruturais, há uma série de posições que reforçam a subordinação de segmentos ou categorias sociais mais frágeis, sofrendo uma dupla opressão, muitas vezes pelos próprios trabalhadores. É o que acontece com as mulheres, pois o capitalismo incorporou o patriarcalismo milenar dos homens sobre as mulheres por conta do direito de propriedade e de herança, subjugação que favorece as diferenças salariais e de condições de trabalho. Implicam também a desvalorização do trabalho de cuidado com a família, majoritariamente atribuído à mulher. O racismo constitui outra forma de discriminar os trabalhadores entre si diante do capital. É uma herança do escravismo moderno que se manifesta nos salários mais baixos, nos contratos de trabalho não assinados, no maior número de desocupados da população e na violência policial.

### **O desenvolvimento do capitalismo conduz a sua fase atual, o imperialismo**

Na história de seu desenvolvimento, na passagem do século XIX para o século XX, o capitalismo atingiu um alto grau de concentração e centralização do capital à escala de todo o mundo. A esta fase histórica do capitalismo chamamos de imperialismo. Do ponto de vista econômico, segundo Lênin <sup>7</sup>:

“O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trusts internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes.” <sup>8</sup>

Neste sentido, ainda com base em Lênin, da perspectiva histórica e política, o imperialismo caracteriza-se pela tendência ao agravamento da exploração dos trabalhadores, das contradições sociais, expressas nas crises mundiais de 1929 e de 2008 ou nas duas guerras mundiais. Também podemos indicar as lutas dos trabalhadores que resultaram nas revoluções socialistas na Rússia (1917), China (1949) e Cuba (1959) e as diversas lutas de libertação nacional na Ásia (por exemplo, Vietnam) e na África (Angola, Moçambique).

Significa dizer que na medida em que o capitalismo se desenvolve agrava suas contradições, expressa em sua fase atual, o imperialismo. No entanto, ao reproduzir a exploração e a dominação burguesa, ao mesmo tempo, reproduz as possibilidades históricas do enfrentamento desta exploração e dominação pelas classes trabalhadoras.

---

<sup>7</sup> LENIN, Vladimir Ilitch. O imperialismo, fase superior do capitalismo. Junho de 1916. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/>

<sup>8</sup> Trust = é a fusão de várias empresas de modo a formar um monopólio com o intuito de dominar determinada oferta de produtos e/ou serviços.